

Envelhecimento e Ser Idoso :

Representações de Idosos que Frequentam a Universidade Aberta da Terceira Idade
Unati- Marília

Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo

Alessandra de Moraes

Mychelly Rive de Souza

Douglas de Melo Justino da Silva

Junia Veloso da Silva

Gabriela Maria Braz

Como citar: DÁTILLO, G. M. P. D. A. *et al.* Envelhecimento e Ser Idoso :
Representações de Idosos que Frequentam a Universidade Aberta da Terceira
Idade Unati- Marília. *In* : DÁTILLO, G. M. P. D. A.; CORDEIRO, A. P. (org.).

Envelhecimento humano : diferentes olhares. Marília: Oficina Universitária;
São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.45-67. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-693-0.p45-67>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ENVELHECIMENTO E SER IDOSO : REPRESENTAÇÕES DE IDOSOS QUE FREQUENTAM A UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE UNATI- MARÍLIA

Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo

Alessandra de Moraes

Mychelly Rive de Souza

Douglas de Melo Justino da Silva

Junia Veloso da Silva

Gabriela Maria Braz

INTRODUÇÃO

O que é velhice? O que os idosos pensam da velhice? O envelhecimento populacional atualmente é um fenômeno universal, tanto em países desenvolvidos como em emergentes como o Brasil e, para tal, tem recebido especial atenção no que diz respeito a políticas que viabilizem não só que as pessoas vivam mais anos, mas que esses sejam de qualidade de vida no que diz respeito aos aspectos biopsicossociais.

Em todo mundo, o número de pessoas com 60 anos ou mais tem crescido mais que o de qualquer outra faixa etária. Estima-se que em 2025 haverá 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos no mundo, e o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005).

O Brasil até pouco tempo atrás era considerado um país de jovens, entretanto encontra-se atualmente em um processo de envelhecimento populacional rápido e intenso, alterando seu perfil demográfico,

fato que representa um desafio para o século XXI e uma maior reflexão sobre o tema.

Segundo dados do IBGE (2010), o Brasil caminha velozmente rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido. Em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos existiam 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro muda e para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172,7 idosos. A vida média do brasileiro chegará ao patamar de 81,29 anos em 2050 o mesmo nível atual da Islândia (81,80), Hong Kong, China (82,20) e Japão (82,60), graças aos avanços da Medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população. É importante lembrarmos que em 1940 a expectativa de vida do brasileiro ao nascer era de 45,5 anos de idade e em 2008 chegou a 72,7 anos, ou seja um aumento de 27,2 anos de vida.

Prata et al. (2011) alertam que nos próximos 40 anos, o Brasil passará a ter mais pessoas acima de 60 anos do que jovens com menos de 20 anos; em 2015 teremos em torno de 32 milhões de pessoas na faixa etária que hoje a Lei 8.842 do Senado Federal Brasileiro (BRASIL, 1996) categoriza como “idoso”. Segundo os autores Prata et al. (2011), as demandas advindas desses números geram uma nova realidade, inquietam e devem ser prioritárias, uma vez que não basta apenas viver mais tempo, o desafio é no sentido de dar, a cada ano conquistado, melhores condições de enfrentar o envelhecimento e a velhice de forma autônoma e independente.

Segundo Beauvoir (1990, p. 114) foi escrito em 2.500 A.C., no Egito, o primeiro texto dedicado à velhice, de autoria de Ptah-Hotep, filósofo e poeta:

Como é penoso o fim de um velho. Ele se enfraquece a cada dia, sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos, sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas facilidades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembra-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causaram prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem.

Ao longo da história da humanidade o idoso tem sido alvo de diferentes posturas por parte das sociedades, ora sendo valorizado e acolhido,

ora sendo menosprezado e rechaçado. Em Esparta, os idosos integravam o que hoje chamaríamos o Conselho Diretor com funções de planejamento, administrativas e jurídicas. Entre os itálicos encontramos a aposentadoria privilégio daqueles que “envelheciam no serviço” (ASSUNÇÃO FILHO, 1990). Entre os judeus, o jubileu, sinal maior de respeito e reconhecimento a uma vida de trabalho.

As sociedades orientais valorizam o envelhecimento como algo sagrado, visto que neste contexto o idoso é aquele que acumulou sabedoria e conhecimento ao longo da vida, portanto o envelhecimento é tratado com respeito e adoração (DÁTILO, HORIGUELA, 2007, p.147).

Na tradição japonesa, que vigora até hoje em alguns grupos de imigrantes no Brasil, cabe ao filho mais velho amparar os pais idosos. Isso faz da nora uma figura central nas relações que se definem mais como dever do que de reciprocidade ou escolha. Entre os sherpas do Nepal, o filho mais jovem deve permanecer na casa paterna para cuidar dos pais e, por isso, tem direito ao dobro da herança dos outros irmãos.

No entanto na sociedade ocidental acontece o contrário, o idoso passa por situações de maus tratos e exclusão porque grande parte da população os considera improdutivos (LOPES, 2012).

A História revela-nos que o envelhecimento na cultura ocidental sempre foi, em maior ou menor grau, representado prioritariamente de modo negativo, estando a ele vinculadas ideias de decadência, sujeira, cegueira, pobreza, iminência de morte. Mesmo quando pessoas mais velhas possuíam algum prestígio, era devido muito *mais a sua posição social e econômica do que ao fato de serem pessoas idosas.* (TRINDADE; BRUNS, 2007, p. 40.)

Beauvoir (1990) assinala que o prestígio da velhice diminuiu muito pelo descrédito da noção de experiência. A sociedade tecnocrática de hoje não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumule, mas sim que diminua ou pereça. A autora enfatiza que para a sociedade atual os melhores valores sempre estão associados à juventude.

Bosi (1994, p. 25) também afirmava:

A sociedade industrial é maléfica à velhice, pois nela todo sentimento de continuidade é destroçado, o pai sabe que o filho não continuará sua obra e que o neto nem mesmo dela terá notícia. Destruirão amanhã o que construímos hoje.

Percebe-se que o idoso, dependendo da época, da cultura, das políticas públicas, contexto social, mesmo que já tenha exercido diferentes papéis, nem sempre tem recebido o respeito e o valor adequados (UCHOA, 2006; BORGES, 2005; ARAUJO, COUTINHO, SANTOS, 2006; NERI, 2001).

Araujo, Coutinho e Santos (2006) referem que até o século XIX, a velhice era tratada como uma questão de mendicância, porque esta representava a não possibilidade de uma pessoa assegurar-se economicamente, deste modo a noção de velho remete à incapacidade de produzir e trabalhar. Segundo os autores a nomenclatura *idoso* surge para demonstrar uma visão menos estereotipada da velhice, assim como encontramos os termos *melhor idade*, *anos dourados*.

Conforme o ciclo vital se prolonga, segundo Neri (2001), Schimidt e Silva (2012) a heterogeneidade entre os idosos aumenta, o que significa na prática que o pesquisador não deve trabalhar como se essa categoria fosse homogênea. O gênero, a classe social, saúde, educação, fatores de personalidade, história passada e contexto sócio-histórico são elementos importantes que se mesclam com a idade cronológica para determinar diferenças entre os idosos, dos 60 aos 100 anos.

Na heterogeneidade da população idosa brasileira segundo Camarano et al. (2004) há pessoas em pleno vigor físico e mental e outras em situações de maior vulnerabilidade. Trata-se de uma população que envelhece rapidamente e de forma diferenciada, em um contexto de grandes e profundas transformações sociais e também nos arranjos familiares. As autoras afirmam que além do envelhecimento populacional, ocorrem atualmente, duas outras tendências; os idosos estão vivendo mais e com melhores condições econômicas e de saúde e os jovens estão saindo da casa dos pais mais tarde. Deste modo o tempo que os filhos passam dependendo dos pais financeiramente tem aumentado. As autoras justificam este fato

devido à instabilidade do mercado de trabalho, a um tempo maior gasto na formação escolar e também à menor estabilidade nas relações afetivas.

Acreditamos ser de extrema importância o estudo do envelhecimento humano, visto que segundo Jacob Filho (2009) o número de pessoas com mais de sessenta anos tem aumentado significativamente, fruto da queda nos índices de natalidade e fecundidade nos últimos anos, além do aumento da expectativa de vida decorrente, dentre outros fatores, devido aos avanços registrados na área do saneamento e na saúde.

O envelhecimento nos países da Europa e da América do Norte teve maior evidência no século XIX e primeira metade do século XX. Nos países emergentes esse é um processo mais recente tendo como marco a segunda metade do século XX. Segundo Vieira e Del-Masso (2012) apenas a África vem fugindo a esse padrão, em virtude da grande mortalidade pela AIDS.

Santos (2000) acredita que mesmo sendo o critério cronológico o mais utilizado, ele não é um dos mais precisos no que tange ao conceito de envelhecimento, visto que o envelhecimento biológico com sua progressiva transformação do corpo, originária de um desgaste do organismo, difere não apenas de espécie para espécie, mas também de um ser humano para outro. Beauvoir (1990) em seu livro “A velhice” já afirma que a velhice traz um destino singular para cada indivíduo.

Cupertino, Rosa e Ribeiro (2007) em seus estudos confirmaram a heterogeneidade e multidimensionalidade no envelhecimento apreendidos pela teoria do curso de vida, visto que observaram variabilidade nas definições pelos idosos, sendo várias as dimensões enfatizadas para a obtenção de um processo saudável de envelhecimento, tais como as dimensões física; social; emocional; econômica; cognitiva dentre outras.

A maioria dos gerontologistas segundo Carvalho Filho e Alencar (2004) define o envelhecimento como a redução da capacidade de sobrevivência. Segundo esses autores o envelhecimento pode ser definido como um processo dinâmico e progressivo onde ocorrem mudanças morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que levam a progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

Segundo Saldanha, Araujo e Felix (2006) no Brasil existem pesquisas que mostram como os próprios idosos concebem o envelhecimento humano muitas vezes, a partir das perdas, representando um processo com visão desfavorável, estereotipada e preconceituosa.

Neri (1993) aponta ser o desconhecimento do que significa ser velho que leva a práticas com focos ideológicos preconceituosos que contribuem para a manutenção e a propagação de mitos e estereótipos negativos.

A velhice é uma fase do desenvolvimento humano que, como tal, merece toda atenção e dedicação de estudiosos, geriatras, dos gerontólogos, das famílias, do Estado através do planejamento de políticas públicas para a velhice no sentido também de estimularem a mudança de mentalidade em relação ao idoso, afinal é uma situação que todos que não morrerem jovens viverão. (ARAUJO; COUTINHO; SANTOS, 2006; SCHOUERI JUNIOR; RAMOS; PAPALÉO NETTO, 2004).

Schimidt e Silva (2012) relatam que a visão que se possui de alguém ou de algo, no caso do idoso e também do envelhecimento, interfere na maneira pela qual nos relacionamos nesse binômio (profissional-idoso), de modo que precisamos nos observar e refletir o que pensamos sobre o idoso e como agimos com ele no dia-a-dia.

A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES ABERTAS DA TERCEIRA IDADE

A partir da década de 1960, observou-se a criação de espaços voltados exclusivamente para a reunião de pessoas idosas, como os grupos de convivência, as associações de aposentados, as escolas abertas e as universidades da terceira idade. O elemento fundamental na reunião dos participantes nesses programas é a idade cronológica, que define tanto a reunião quanto as práticas desenvolvidas (DEBERT, 1999).

Segundo Debert (1999) é necessário a abertura de espaços para que diversas experiências de envelhecimento bem sucedidas possam ser vividas coletivamente, como por exemplo, nas universidades da terceira idade, grupos de convivência de idosos entre outros.

A reunião de pessoas idosas aumenta as possibilidades de manutenção de uma vida social ativa para o idoso, o que é fundamental para o bem-estar físico e psicológico.

Costa, J., Costa, A. e Gobbi (2012) acreditam que a universidade por meio do ensino, pesquisa e extensão possuem um papel importante no processo de envelhecimento da sociedade em consonância com a legislação da área, no caso a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do idoso (BRASIL, 1996).

A criação da Universidade da Terceira da Idade é uma das formas de inserir a população idosa na universidade. As Universidades da Terceira Idade destacam-se como programas de educação permanente de caráter universitário e multidisciplinar, que têm como pressuposto a noção de que a atividade promove a saúde, o bem-estar psicológico e social e a cidadania das pessoas idosas (CACHIONI, 2005).

Finato (2003) em sua tese de doutorado coloca que devido ao aumento da população idosa, na década de 70 surgiu o movimento das universidades abertas da terceira idade – as UTAS. A primeira universidade da terceira idade foi fundada em Toulouse na França em 1973 pelo professor de Direito Internacional Pierre Vellas, da Universidade de Ciências Sociais. O objetivo era tirar o idoso do isolamento dando-lhes saúde, energia e interesse pela vida, mudando sua visão perante a sociedade.

A criação da UTA teve também objetivos que incluíam: a) permitir às pessoas idosas que fossem atores nas decisões sobre problemas pessoais e coletivos, dando-lhes alternativa para melhorar sua qualidade de vida; b) oferecer-lhes infra-estruturas e ambientes universitários para maior participação social e diminuir a marginalização; c) através das tarefas interdisciplinares permitir pesquisas gerontológicas com a participação dos idosos como investigadores e sujeitos dessas pesquisas. (FINATO, 2003, p.70).

No Brasil, o primeiro programa de atendimento ao idoso, realizado em uma universidade, surgiu em 1982, na Universidade Federal de Santa Catarina, denominado de Núcleo de Estudos de Terceira Idade.

Segundo Irigaray e Schneider (2008) as Universidades da Terceira Idade se caracterizam pela educação permanente sendo esta um fato educativo global, que surge da necessidade de instrumentalizar o homem para

o convívio com as mudanças que ocorrem em todos os aspectos da vida humana, tanto em nível econômico como no político e cultural, tanto em nível científico como na interpretação da natureza e do universo. Ela se prolonga ao longo de toda a existência humana, sem limites cronológicos, remetendo a uma nova concepção de homem, que busca o aperfeiçoamento integral e integrado em todas as etapas de sua vida e do desenvolvimento de sua personalidade.

Castro (2004) refere que os programas de educação permanente oferecem atividades que estimulam o autoconhecimento, a auto-estima e a auto-realização dos idosos. Geralmente, esses programas são realizados numa situação de grupo, nos quais as pessoas idosas podem criar uma dinâmica de relações pessoais significativas e mantê-las, produzindo espaços de aprendizagens.

A inserção do idoso no contexto acadêmico é uma das funções sociais da Universidade Pública. Com o intuito de possibilitar o acesso dessa população à UNESP, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), vinculada à Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX), oferece diferentes oportunidades de atividades. O projeto iniciado em 1993, procura promover a integração entre Universidade e Comunidade e a articulação entre ensino, pesquisa e extensão mediante o envolvimento de docentes, alunos, funcionários e a população em geral.

Inserida na problemática que o idoso enfrenta atualmente, o Programa UNATI da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Marília SP tem como objetivo principal proporcionar condições para a integração social e acadêmica, mediante a participação nas atividades programadas pela UNATI, as quais favorecem a convivência com os diversos segmentos da comunidade acadêmica.

O desenvolvimento das atividades da UNATI possibilita às pessoas da terceira idade a aquisição de novos conhecimentos e a troca de experiências entre os participantes e a comunidade acadêmica.

A UNATI oferece as seguintes atividades: palestras, cursos, oficinas e atividades de integração social.

Considerando que a inserção dos indivíduos em determinados grupos e atividades possibilita o compartilhar de concepções, valores e

crenças que contribuirão na construção de um saber coletivo que, por sua vez, servirá de orientador de ações e formas de ser e se perceber no mundo, faz-se importante utilizar a Teoria das Representações Sociais com um referencial teórico-metodológico profícuo para se entender as representações de participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre o processo de envelhecimento e ser idoso na sociedade atual.

De acordo com Jodelet (2001), as representações sociais são formas de conhecimento, elaboradas e compartilhadas socialmente, que possuem como objetivo prático a interpretação dos diferentes aspectos da realidade. São fenômenos que orientam os indivíduos e grupos no mundo, em suas tomadas de decisão e práticas, e que no seu processo dinâmico de elaboração, podem receber a influência, dentre outros fatores, de contextos institucionais, pelas trocas cotidianas que possibilitam. Desse modo, procuramos nos aproximar do entendimento sobre as possíveis implicações que o participar de um programa, como a Universidade Aberta à Terceira Idade, poderia ter na elaboração e apropriação psicológica e social de determinados objetos da realidade, leitura que pode ser incrementada por meio de recursos metodológicos e referenciais advindos do campo de estudo das representações sociais.

As pesquisas referentes ao envelhecimento têm crescido nas últimas décadas, isto demonstra a importância de compreender esta fase do desenvolvimento humano para que novas ações que beneficiem essa população possam ser lançadas e, neste sentido, os estudos com base nas representações sociais (RS) podem contribuir.

[...] As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa [...]. (MOSCOVICI, 2003, p.46).

Sendo assim, torna-se simples compreender que as pessoas recebem informações, as trocam entre si, proporcionando transformações no modo de representá-las, disseminando-as nas formas de comunicação e ação (MOSCOVICI, 2001). As representações sociais carregam em sua

estrutura formas individuais de pensamento, que modelam comportamentos individuais e coletivos e nas questões que dizem respeito ao envelhecimento acredita-se que com um número maior de pesquisas e informações, essas possam influenciar de modo positivo na vida diária e nas ações das pessoas que já envelheceram e também das que estão envelhecendo.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são criadas pelas pessoas devido à necessidade de se ajustarem socialmente, de modificarem seus comportamentos, de dominarem seus conflitos físicos e intelectuais, bem como para conseguir identificar, enfrentar e resolver seus problemas.

Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, não somos apenas automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis porque as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos da realidade diária, no modo de tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva. (JODELET, 2001, p.17).

METODOLOGIA

Este texto tem como objeto o estudo das representações sociais sobre o envelhecimento e ser idoso no século XXI, no contexto da Universidade Aberta da Terceira Idade da UNESP de Marília (UNATI), à luz das representações sociais, as quais segundo Araujo, Coutinho e Santos (2006), levam a apreensão de um conhecimento compartilhado, viabilizado na interação entre o saber do senso comum e o saber científico.

Identificamos as representações sociais de envelhecimento e de ser idoso no século XXI, entre idosos que frequentam a Universidade da Terceira Idade da UNESP de Marília (UNATI), e refletimos sobre o papel das UNATI no processo de envelhecimento. Descrevemos o perfil do aluno idoso da UNATI no que se refere a seus dados sociodemográficos incluindo idade, sexo, estado civil, escolaridade, renda, situação de moradia, ocupação anterior e tempo de participação na UNATI.

Inicialmente o projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNESP de Marília SP, CEP-2013-682.doc.sob o número 2013-682.doc em 15/04/2013.

A partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os idosos responderam individualmente acerca das informações sociodemográficas e sobre o conceito de envelhecimento e de ser idoso no século XXI, na forma de entrevista, sendo indagado o seguinte: Para o (a) senhor (a) o que representa o envelhecimento e a outra pergunta, para o (a) senhor (a) o que representa ser idoso no século XXI?

A amostra foi composta por 25 idosos que frequentam a Universidade Aberta da Terceira Idade UNATI da UNESP de Marília. Os participantes foram recrutados por conveniência, em que todos os idosos da UNATI foram convidados a participar e o fizeram aqueles que manifestaram o respectivo consentimento.

As respostas às questões abertas aqui consideradas foram tratadas pelo software ALCESTE© (Analyse Lexicale par Contexte d' un Ensemble de Segments de Texte, 2005) que realiza a análise quantitativa de dados textuais. O procedimento de análise do ALCESTE© mostrou-se bastante interessante em outros estudos sobre representações sociais (MENIN et al., 2008; SHIMIZU et al., 2010) para classificar as respostas obtidas em classes que delimitam contextos diversos.

Na análise do material, as respostas dos participantes foram gravadas, transcritas e digitadas de forma a serem inseridas no referido software, acompanhadas das características sociodemográficas dos respondentes para a identificação dessas variáveis na operacionalização do programa.

De acordo com Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) e Camargo (2005), o software ALCESTE realiza quatro etapas de análise, a saber: preparo do material por meio do reconhecimento das unidades de contexto inicial (UCI) que consistem, nesta pesquisa, nas próprias respostas às questões analisadas; divisão das UCI em segmentos de texto, denominadas unidades de contexto elementar (UCE), que são dimensionadas em função do tamanho do texto ou *corpus* de análise e da pontuação; realização de cálculos que classificam as UCE com base nas palavras que as compõem (essa operação é feita com auxílio de matrizes de frequências

que cruzam as palavras do vocabulário com as UCE do *corpus* em análise), nessa etapa, é utilizado o método de classificação hierárquica descendente, por meio do qual as UCE são divididas em classes, de acordo com o vocabulário, de maneira que se atinja o maior valor possível pela prova do Qui-quadrado; execução de operações complementares para cada uma das classes obtidas anteriormente, com fins de descrição destas; e fornecimento das UCE mais características, o que possibilita a contextualização de seus respectivos vocábulos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme foi observado, a faixa etária predominante foi a de 60 a 69 anos (40%), em relação ao gênero houve o predomínio do sexo feminino (72%). O estado civil predominante foi o de casado (44%), quanto à escolaridade o ensino superior foi dominante (60%), a renda mais presente foi de 4 a 9 salários mínimos, (56%). A maioria mora com a família (68%), a profissão anterior mais frequente foi a de professor, diretor de escola e supervisor de ensino (48%). Quanto ao tempo de frequência na UNATI a maior parte, (44%) tem menos de cinco anos.

Os dados mostram a predominância do sexo feminino e confirmam Castro (2004), Debert (1999) e Goldstein (1995) em estudos onde evidenciaram que a presença feminina nas Universidades da Terceira Idade é marcante, sendo a maioria dos alunos. (DÁTILLO, TAVARES, 2012).

No que concerne a importância dos idosos frequentarem a UNATI, segundo resultado de recente pesquisa de Dátילו e Tavares (2012) a relevância atribuída pelos idosos para participarem da UNATI foi obter maiores conhecimentos e estar atualizado, seguido de fazer novos amigos, exercitar a memória visando uma velhice com qualidade de vida, dedicar um tempo a si próprio, ter lazer e uma ocupação saudável. Esses dados corroboram com Irigaray e Schneider (2008), Castro (2004) e Silva (2003).

PARA VOCÊ O QUE REPRESENTA O ENVELHECIMENTO?

Como resultados desta pesquisa, buscamos descrever as principais tendências dos discursos dos participantes geradas pelo ALCESTE[®] e apresentadas em diferentes classes.

Com relação às respostas dos participantes, quando indagados sobre o que representa o envelhecimento, o ALCESTE[®] dividiu o *corpus* em 93 UCE, e classificou para análise 80 UCE, o que representa 85% de aproveitamento do material. Tais U.C.E. foram divididas em três classes, correspondentes a diferentes contextos. Realizamos a leitura de cada classe a partir de suas palavras mais significativas e dos exemplos de respostas característicos de cada classe. A seguir, apresentamos, no Quadro 1, o tamanho de cada classe, conforme a sequência em que foram geradas, e o nome que lhes demos em função das representações mais predominantes.

Quadro 1 – Classes geradas pelo ALCESTE[®] em relação à questão sobre o que representa para você o envelhecimento.

Classe 1 - 12uce - 15%	Agora eu quero ser livre e feliz.
Classe 3 - 14uce - 17,5%	
Classe 2 - 54uce - 67,5%	Estou velho (a) em termos cronológicos, mas me sinto muito bem.

Percebemos que as respostas sobre o que é o envelhecimento dividiram-se em três tipos de concepções: Mesmo no envelhecimento é possível aprender (classe 2), com 67, 50%; estou velho(a) em termos cronológicos mas me sinto muito bem (classe 3) com 17,50% e, agora eu quero ser livre e feliz (classe 1) com 15,00%.

Alguns idosos demonstram alegria ao verbalizar que apesar da idade sentem-se em pleno desenvolvimento da aprendizagem, destacando desta forma a classe 2, mesmo no envelhecimento é possível aprender

“O envelhecimento para mim começou quando eu me aposentei, quando eu saí do serviço, parei de trabalhar e decidi ficar em casa. Foi aí que eu comecei a ver que de fato, apesar da aposentadoria, outras regalias eu teria, poder fazer cursos, fui aprender a fazer crochê, bordado, computação, en-

trei na UNATI, são coisas que vieram somar aos conhecimentos que eu já tinha.” (Suj.17, sex. fem. 69 anos, classe 2).

A classe 3 estou velho (a) em termos cronológicos, mas me sinto muito bem é ressaltada em depoimentos onde não se nega o envelhecimento cronológico, porém, onde afirmam sentirem-se muito bem do ponto de vista bio-psico-social.

“Eu estou ficando velha e eu não sinto que estou ficando velha, faço tudo o que tenho que fazer, ainda dirijo meu carro e eu sinto que sou capaz de muitas coisas e que as pessoas admiram a minha postura no dia-a-dia, eu estou muito bem, não estou sentindo o peso da vida ainda.” (Suj. 25, sex. fem, 83 anos, classe 3).

Na classe 1, agora eu quero ser livre e feliz, encontramos diversos depoimentos enfatizando a alegria de sentir-se livre nesta fase da vida.

“Representa ficar um pouco livre das obrigações sistemáticas, tipo trabalho, tudo que eu quiser fazer hoje é livre, se eu tiver bem, tiver vontade eu faço aquilo que eu quero fazer, e quando eu não quero, eu não faço, se eu não quiser levantar cedo eu não levanto o que é muito difícil. Agora eu tenho bastante tempo para lazer e para navegar na Internet.” (Suj, 12, sex. masc. 68 anos, classe 1).

Veras (1994), já afirmava que a velhice é um termo impreciso, e sua realidade de difícil percepção, ele indagava se a pessoa fica velha aos 50, 60, 65 ou 75 anos, nos mostrando que os limites de idade na velhice não são estáticos, em termo de sua complexidade fisiológica, psicológica e social.

Percebemos nas respostas que as três categorias obtidas não negam o envelhecimento e o assumem inclusive com as perdas, mas salientam o que de positivo aprendem. Um exemplo deste tipo de afirmação podemos verificar no depoimento do suj, 23, sex. fem. 68 anos, que além de salientar que mesmo no envelhecimento é possível aprender não deixa de citar as perdas.

“O envelhecimento representa tempo de vida para mim, ele me dá oportunidade em sentir que hoje eu consigo viver ganhando também, eu não consigo viver só perdendo, independente de tudo, das limitações que nós temos hoje, eu ouço menos, em termos de destreza eu sou menos ágil, mas hoje eu aprendi

a descartar, a me preocupar só com as coisas que de fato tenho que me preocupar, consegue ser mais sábia nas minhas escolhas. (Suj. 23, sex. fem. 68 anos).

Segundo Torres, Sé e Queroz, (2009, p. 92) o idoso aprende a aceitar as perdas, mas há que pensar também nos ganhos desta fase “*Os idosos podem manter o bem-estar subjetivo na medida em que conseguem aceitar as perdas inerentes ao seu estado de saúde e à sua fragilidade física, estabelecendo novos desejos e planos de vida.*”

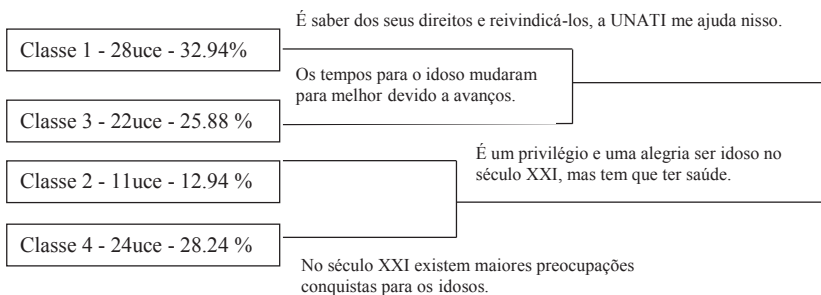
“É uma fase da vida que a gente gosta de passar, é muito agradável de lembrar todas as coisas. A gente precisa ter paciência, aceitar as pessoas como elas são, procurar amar as pessoas que nos rodeiam, suportar a saudade de quem se foi. (Suj. 24, sex. fem. 94 anos).

Os sujeitos 23 e 24 nos deixam claro que as aprendizagens vão muito além das cognitivas, como exemplo a aprendizagem nos relacionamentos interpessoais, permanecem durante toda a existência.

PARA VOCÊ O QUE REPRESENTA SER IDOSO NO SÉCULO XXI?

Quando indagados sobre o que representa para você ser idoso no século XXI, o ALCESTE[©] dividiu o *corpus*, referente às respostas dos participantes, em 92 UCE, e classificou para análise 85 UCE, o que representa 92,39% de aproveitamento do material. Tais U.C.E. foram divididas em quatro classes, correspondentes a diferentes contextos.

Quadro 2 – Classes geradas pelo ALCESTE[©] em relação à questão sobre o que representa para você ser idoso no século XXI.



Ao observarmos as três primeiras classes geradas pelo programa (classes 1, 4, e 3) verificamos a presença de representações que indicam as mudanças que ocorreram para melhor no século XXI e na classe 1 o que o próprio idoso tem que fazer para conquistá-las.

Na classe 1, que representa o maior número de U.C.E. do *corpus* analisado, é marcante a presença de falas que apontam para o lugar, quase que obrigatório para o todo o idoso no século XXI, saber dos seus direitos e reivindicá-los.

“A gente tem que ir atrás dos direitos da gente, tem que exigir. Se a gente chegar exigindo a gente consegue, mas se a gente chegar bobinho, coitadinho, engolindo tudo, eles montam.” (Suj.11, sex. fem.73 anos).

A outra classe (classe 4) mostra a importância do aparecimento das políticas públicas para os idosos.

“Ser idoso no século XXI tem aquilo que eu coloco como qualidade de vida, o idoso está amparado por leis e direitos, tem a previdência, ser aposentado, tem auxílio, não sei dizer se para invalidez, mas é mais um ganho para se sustentar, a gente vê cada vez mais projetos voltados para a terceira idade.” (Suj.23, sex. fem. 68 anos)

A classe 3, deixa evidente que os idosos consideram os tempos atuais melhor no que diz respeito à maior progresso, autonomia, liberdade e independência.

“Sinto-me muito privilegiado em ser idoso no século XXI, com todas as conquistas da medicina, eu estou usufruindo tudo isso aí, aliás, eu sempre fui adepto da tecnologia, não da tecnologia pura que acaba esquecendo o lado social, mas, como ferramenta para melhorar seus contatos sociais, os facebooks, os orkuts da vida, um meio muito rápido de trocar informações.” (Suj 12, sex. masc. 68 anos).

Segundo Lopes (2012), em 2003, um artigo publicado pela Revista da Universidade Federal de Goiás, UFG, discorrendo sobre a velhice, já não tratava apenas da velhice relacionada a doenças, mas também dos direitos do idoso, velhice e cultura, lazer, vida ativa na terceira idade, mostrando uma mudança no olhar do pesquisador sobre a velhice.

A autora refere ser necessário promover ações em que o idoso aprenda a lidar com as transformações que ocorrem em seu corpo, sabendo dos seus direitos, conquistando sua autonomia para sentir-se sujeito de sua própria história. Esse papel seria das famílias e do Estado, onde no artigo 230 da Constituição Brasileira consta que:

[...] a família, a sociedade e o Estado tem o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar e garantindo-lhes o direito à vida (BRASIL, 1994, p. 37).

Na classe 2, é um privilégio e uma alegria ser idoso no século XXI, mas tem que ter saúde e de capacidade financeira, ficou nítida a preocupação do idoso com aqueles que não tem saúde e nem poder aquisitivo adequado para suprir suas necessidades. A saúde é enfocada nesta classe como fator primordial para se ter um bom envelhecimento.

“Mudou completamente a forma de ser idoso no século XXI. Hoje o idoso não fica mais restrito ao crochê e as atividades domésticas do lar. O idoso com boa saúde ou com saúde razoável tem atividades extras, outras atividades, com amigos, com viagens, o cuidar dos netos é na hora da folga.” (Suj.4, sex. fem. 73 anos).

“Mas para aquelas pessoas que não tem capacidade de saúde e nem capacidade financeira para ter uma vida mais amena, mesmo no século XXI o envelhecimento é muito triste, faz diferença lógico, a capacidade financeira faz diferença.” (Suj.1, sex. fem. 77 anos).

“Olha eu acho que comparando com a geração anterior, a gente está em vantagem hoje pelo avanço da medicina, a gente está vivendo mais tempo e com mais saúde.” (Suj.20, sex. fem. 66 anos).

Ainda na classe 3, os tempos para o idoso mudaram para melhor, muitos avanços, encontramos algumas respostas que comparavam o envelhecimento atual neste século XXI com o envelhecimento vivenciado por seus pais no século XX, afirmando que o progresso trouxe aos idosos maior qualidade de vida.

“Comparando de exemplo com a minha mãe, hoje é bem melhor, eu tenho em casa máquina de lavar roupa, microondas, a televisão, o computador”. (Suj.17, sex. fem. 69 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises possibilitadas pelo exame das classes de respostas obtidas no ALCESTE©, podemos concluir primeiramente, que o envelhecimento no século XXI, para os idosos que frequentam a Universidade Aberta da Terceira Idade da UNESP de Marília está ligado ao aprender; ao estar velho (a) em termos cronológicos, mas sentir-se bem, do ponto de vista bio-psico-social, e que nesta fase querem ser felizes.

O prazer por “aprender” nesta fase do desenvolvimento, foi também encontrado como resultado em pesquisas semelhantes de Irigaray e Schneider (2008), Lopes (2012) e Teodoro (2006). A classe “estou velho (a) em termos cronológicos, mas me sinto muito bem, demonstra que a população pesquisada, não nega o envelhecimento, bem como algumas limitações, mas afirmam sentirem-se independente nas atividades da vida diária, ativos, citam com alegria que vão ao banco, dirigem seus carros, que possuem qualidade de vida, dados também encontrados em pesquisas semelhantes de Areosa (2004), Lopes (2012), Torres, Sé e Queiroz (2009), Veras (1994).

“Agora eu quero ser feliz”, foi enfatizado pelos idosos que agora sentem que são donos de seu tempo, fazem o que querem e como querem. Afirmam sentirem-se felizes por não terem horários rígidos e fixos, como quando trabalhavam, sentem que ainda há tempo para realizarem seus sonhos. Percebemos uma visão bastante positiva, que alguns autores como Areosa (2004), Castro (2004), Debert (1999), colocam que também observaram em suas pesquisas no contexto de uma Universidade Aberta da Terceira Idade.

No que tange ao que é ser idoso no século XXI, encontramos representações que indicam, segundo a visão dos idosos, que os tempos mudaram para melhor, enfatizando que é necessário ter conhecimento dos seus direitos, e isto também aprendem na UNATI. Em nossa universidade, os idosos sugerem temas para as palestras que tem às quartas-feiras, e sempre lembram o Estatuto do Idoso, como algo já conquistado em termos de Lei, mas que ainda precisa de cuidados para ser colocado em prática. Este ano trouxemos um defensor público para falar sobre o tema.

Santos e Belo (2000) observaram também em sua pesquisa uma mudança na representação da velhice e a formação de uma nova identidade

do idoso, o que se opõe a um tradicional discurso de uma velhice passiva e negativa.

Outra visão bastante marcante é que é fundamental ter saúde, colocam que sentem-se privilegiados em poder usufruir as modernidades e avanços deste século, mas, que sem saúde, de nada adiantaria, e justificam que quanto mais aprendem na UNATI, sobre o próprio processo do envelhecimento, formas de prevenção, estilo de vida, mais se cuidam.

Os idosos ao relataram de forma comparativa, em relação aos seus avós, que foram idosos no início do século XX, e não tinham muitas das vantagens que se tem hoje, como a própria UNATI, a tecnologia, como celulares, computadores, micro-ondas entre outros.

Concordamos com Goldstein (1995), Irigaray e Schneider (2008), no sentido de que as Universidades Abertas da Terceira Idade vêm contribuindo significativamente para que os idosos sintam-se ativos e com um bem estar bio-psico-social, por oferecer conhecimento, possibilidades de conhecer novas pessoas, suporte emocional e desta forma auxiliando no enfrentamento de problemas e de crises típicos do processo de envelhecimento.

O perfil da população estudada é predominantemente feminino, assim como encontraram Castro (2004), Debert (1999), Dátilo e Tavares (2012). São em sua maioria casados, com ensino superior, com trabalho no passado ligado à área da educação, moram com a família e estão na UNATI a menos de cinco anos.

Vários são os aspectos que contribuem para o bem estar do idoso, podemos citar os aspectos da saúde, os sócio demográficos, culturais, econômicos, mas as Universidades Abertas da Terceira Idade contribuem muito para que o idoso inserido no contexto acadêmico possa ter possibilidades de aprendizagem, convívio intergeracional, sentindo-se desta forma mais autônomo, livre e criativo.

Encerramos este capítulo, evidenciando a importância do compromisso da UNATI/UNESP, no sentido de promover à população idosa, conhecimentos, convívio social, melhor auto-estima; aos alunos graduandos e pós graduandos, atividades de pesquisa e extensão, tudo isso visando melhorar a qualidade de vida desta população.

REFERÊNCIAS

- ALCESTE version 4.8 pour Windows. Toulouse: Image, 2005. 1 CD-ROM.
- ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SANTOS, M. F. S. O idoso nas instituições gerontológicas. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 2, p. 89-98, maio/ago. 2006.
- AREOSA, S. V. C. O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento? *Textos e Contextos*, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2004. Disponível em: <www.scielo.br/prc>. Acesso em: 1 nov. 2013.
- ASSUNÇÃO FILHO, A. O normal e o patológico no idoso: como avaliar. *Neurobiologia*, v.53, n.1/2, p.5-12, 1990.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*: velhice analisada biológica e culturalmente, pensada e vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BORGES, M. *Criança e representação social*: estudo comparativo de culturas e classes sociais entre índios e não índios. 2005, 150f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- BOSI, E. *Memória e sociedade*: lembranças de velho. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Decreto n. 1948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei 8.842, sancionada em 4 de janeiro de 1994, a qual dispõe sobre a Política nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 jul. 1996. Seção1, p.122-177.
- BRASIL. *Lei nº 8842*. Brasília, 1994.
- CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade. In: NERI, A. L. (Org.). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea. 2005. p. 207-210.
- CAMARANO, A. et al. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidade. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Os novos brasileiros*: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p.137-167.
- CAMARGO, B. V. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, A.S.P.; CAMARGO, B.V.; JESUÍNO, J.C.; NOBREGA, S. M. (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: UFPB: 2005. p. 511-539.
- CARVALHO FILHO, E. T.; ALENCAR, Y. M. G. Teorias do envelhecimento. In: CARVALHO FILHO, E. T.; PAPALÉO NETO, M. *Geriatrics*: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2004.

CASTRO, O. P. Vivendo em seu corpo: uma questão de consciência e de criatividade. In: CASTRO, O. P. (Org.). *Envelhecer: revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004. p. 13-30.

COSTA, J. L. R.; COSTA, A. M. M. R.; GOBBI, S. Unesp - Unati e as políticas públicas voltadas à população idosa. In: DEL-MASSO, M. C. S.; AZEVEDO, T. C. A. (Org.). *UNATI UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE*, UNESP – PROEX. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

CUPERTINO, A. P. F. B.; ROSA, F. H. M.; RIBEIRO, P. C. C. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 1, p. 81- 86, 2007. Disponível em: <www.scielo.br/prc>. Acesso em: 16 ago. 2013.

DÁTILO, G. M. P. A.; TAVARES, F. C. Percepção da importância da participação de idosos em uma Universidade Aberta da Terceira Idade. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, v. 4, n. 1, p. 28-41, 2012.

DÁTILO, G. M. P. A.; Horiguela, M. L. M. Idosos dependentes: o lugar do familiar cuidador. In: BRUNS, M. A. T.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). *Envelhecimento humano: diferentes perspectivas*. Campinas, SP: Alínea, 2007.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FINATO, M. S. S. S. *A universidade aberta à terceira idade e as redes de apoio afetivo e social do idoso*. 2003. 155f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

GOLDSTEIN, L. L. *Estresse, enfrentamento e satisfação de vida entre idosos: um estudo do envelhecimento bem-sucedido*. Tese (Doutorado). - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE**: população brasileira envelhece em ritmo acelerado. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272>. Acesso em: 19 fev. 2013.

IRIGARAY, T. Q.; SCHNEIDER, R. H. Participação de idosos em uma Universidade da Terceira Idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 211-216, 2008.

JACOB FILHO, W. Fatores determinantes do envelhecimento saudável. *Bol. Instit. Saúde*, v. 47, p. 27-32, 2009.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

LOPES, M. E. P. S. A velhice no século XXI: a vida feliz e ainda ativa na melhor idade. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, v. 34, n. 1, 2012. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/16197>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

MENIN, M. S. S. et al. Representações de estudantes universitários sobre alunos cotistas: confronto de valores. *Educação e Pesquisa (USP)*, v. 34, p. 255-272, 2008.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 389.

NERI, A. L. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papyrus, 1993.

NERI, A. L. (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

PRATA, H. L. et al. Envelhecimento, depressão e quedas. *Fisioter .mov.*, v. 24, n. 3, p. 437-443, jul./set. 2011.

SALDANHA, A. A.W.; ARAUJO, L. F.; FELIX, S. M. F. Aids na velhice: os grupos de convivência de idosos como espaço de possibilidades. In: FALCÃO, D.V.S.; DIAS, C. M. S. B. (Org.). *Maturidade e velhice: pesquisa e intervenções psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. v. 1.

SANTOS, M. F. S.; BELO, I. Diferentes modelos de velhice. *Revista Psico*, Porto Alegre, n. 2, p. 31-48, jul./dez. 2000.

SCHIMIDT, T. C. G.; SILVA, M. J. P. D. Percepção e compreensão de profissionais e graduandos de saúde sobre o idoso e o envelhecimento humano. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 46, n. 3, p. 612-617, 2012. Disponível em: < www.ee.usp.br/reuusp>. Acesso em: 11 ago. 2013.

SCHOUERI JUNIOR, R.; RAMOS, L. R.; PAPALÉO NETTO, M. Crescimento populacional: aspectos demográficos e sociais. In: CARVALHO FILHO, E. T.; PAPALÉO NETTO, M. *Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica*. São Paulo: Atheneu, 2004.

SHIMIZU, A. M. Representações de educadores de escolas brasileiras a respeito de educação em valores morais. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33., 2010, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Anped, 2010.

SILVA, J. C. Velhos ou idosos? *A Terceira Idade*, São Paulo, v.14, n. 26, p. 94-111, jan. 2003.

TEODORO, M. F. M. *UnATI/UERJ*: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2006. Disponível em: <www-old.ucp.br>. Acesso em: 29 out. 2013.

TORRES, S. V. S; SÉ; E. V. G.; QUEROZ, N. C. Fragilidade, dependência e cuidado: desafios ao bem-estar dos idosos e de suas famílias. In: DIOGO, M. J. D'É.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). *Saúde e Qualidade de Vida na Velhice*. Campinas, SP: Alínea, 2009.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. M. Meia-idade masculina: significados do envelhecimento. In: BRUNS, M. A. T.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). *Envelhecimento humano: diferentes perspectivas*. Campinas, SP: Alínea, 2007.

UCHOA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *CAD. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 849-853, mai-jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15888.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 479-502, 1999.

VERAS, R. *País jovem de cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

VIEIRA, V. V., DEL-MASSO, M. C. S. Concepções de estudantes de graduação da Unesp de Marília acerca do envelhecimento humano. In: DEL-MASSO, M. C. S.; AZEVEDO, T. C. A. (Org.). *UNATI UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE, UNESP – PROEX*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.